

**Manual Digital
de Apoio ao Professor
para o livro **A menina que ia para longe****

Escritora:
Marta Lagarta
Ilustrador:
Guto Lins
Ano da 1ª edição:
2009

lerêracima →



Sumário

1 – Autores

1.1 – Escritora Marta Lagarta

1.2 – Ilustrador Guto Lins

2 – Obra

3 – Contação

4 – Atividades

4.1 – Atividade disparadora – antes de ler o livro

4.2 – Atividade de desenvolvimento – durante, para explorar a obra, intercalando com suas leituras

4.3 – Atividade de fechamento – depois da leitura

1 - AUTORES

1.1 – Escritora Marta Lagarta



Marta Vieira, mais conhecida pelo seu codinome Marta Lagarta, é carioca. Nasceu no dia 14 de fevereiro de 1958. Publicou seu primeiro livro em 1991: *Busca-Busca*, pela Editora José Olympio, com prefácio de Antônio Houaiss!

Marta tem todo um ritual antes de escrever: toma banho, veste uma roupa querida e faz um alongamento. Reza. Há ocasiões em que amarra, bem apertado, um lenço na cabeça. Em outras, lê um poema de Mário Quintana. Depois, ao som do noturno de sempre (a sua jornada é noite adentro), faz mais exercícios de

respiração e concentração. Para Marta, não existe criatividade sem concentração.

Sempre trabalhou com crianças e arte. Fez parte da equipe de roteiristas do programa Toppo Gigio, Rede Bandeirantes, e foi professora de artes cênicas do município do Rio de Janeiro, trabalhou em circo, e por aí vai... Atualmente, ministra oficinas de Contação de história, de Criatividade (técnicas de Gianni Rodari), de Poesia e de Leitura.

1.2 – Ilustrador Guto Lins

Guto Lins nasceu em São Paulo, em 17 de maio de 1961, mas reside no Rio de Janeiro há muitos anos. É Designer formado pela ESDI, RJ, e professor do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio desde 1995, onde leciona para alunos em todos os estágios do curso, de calouros a formandos.

Ministra oficinas, workshops e minicursos, tanto para o público adulto quanto infantil. Guto também é sócio de Adriana Lins no escritório de design gráfico Manifesto, atuando, principalmente no mercado editorial, fonográfico e de entretenimento. Realiza direção de arte, projeto gráfico, identidade visual, websites, aberturas e videografismos para longa metragens, documentários e programas especiais para TV.



O primeiro livro que ilustrou foi *Dumonzito*, de Sylvia Orthof (1985), e seu primeiro livro como autor e ilustrador foi *Qual é a cor?* (1992).

2 - OBRA

A menina que ia para longe é um **conto** popular com estrutura repetitiva do tipo acumulativo. A autora Marta Lagarta ouvia esta história contada por sua avó quando era pequena.

Indicado para a **Categoria 5** – a qual é voltada para os alunos de 4º e 5º anos do ensino fundamental -, o conto aborda o tema do **Autoconhecimento, sentimentos e emoções**, trazendo, através da história de uma menina que encara sua solidão e sai pelo mundo, uma série de elementos que os leitores podem relacionar à construção de sua própria identidade, aos caminhos que eles também precisam percorrer e aos seus processos de amadurecimento. As conquistas do personagem ao longo desse “caminhar” e o final emancipatório convidam as crianças a confiarem em si mesmas e a buscarem os seus próprios caminhos.

Abandono, solidão, desconforto, contrariedade, acolhimento, satisfação e superação são alguns dos sentimentos que surgem ao longo da caminhada que a menina faz. Ao encontrar outros personagens pelo seu caminho que se colocam como obstáculos à sua frente, ela tem que, continuamente, se reinventar. O texto por certo permite que os professores, através dele, trabalhem com atitudes e valores essenciais para os alunos lidarem com as demandas da vida cotidiana, buscando contribuir para o conhecimento de si próprios e do outro, assim como para o desenvolvimento do respeito e da autonomia, perpassando diferentes áreas e componentes, numa perspectiva interdisciplinar.

Além dos conteúdos e habilidades relacionados à leitura, contempla-se com a obra o desenvolvimento da escrita, não só em seus aspectos discursivos – com diferentes produções possíveis a partir das reflexões desencadeadas -, mas também em relação aos notacionais, em especial àqueles voltados para o uso da pontuação do diálogo, que no caso desse texto é especialmente frequente.

Outro conteúdo importante dentro da área de Língua Portuguesa que pode ser explorado a partir da leitura da obra é a oralidade. Pode-se organizar um “Festival de Contação de Histórias”, a partir da leitura desse tipo de narrativa, oportunizando uma ampliação do repertório de contos populares brasileiros, por exemplo, valorizando o nosso folclore.



3 - CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Através de um trabalho com a contação de histórias, que foca especialmente a oralidade, podemos contemplar uma das habilidades importantes da Língua Portuguesa a ser desenvolvida ao longo dos anos iniciais do ensino fundamental: “Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado” (BNCC)

Para isso, é preciso que professores e escola organizem espaços de observação (ao vivo, com algum/a contador/a de histórias convidado/a eventualmente ou através de vídeos em que assistam a variadas formas de contações) e de prática de contar histórias, propondo-se a estimular e orientar os estudantes, através de intervenções específicas a partir de suas experimentações, para que avancem na direção de suas melhores performances possíveis, com relação à impostação e intensidade de voz, ritmo e clareza.

Diferentes histórias e projetos de leitura podem ter também esse eixo de trabalho, além dos demais, relacionados à leitura em si, especialmente à sua compreensão (sem a qual o trabalho da contação fica comprometido), de modo que os alunos tenham diversas oportunidades de experimentar, praticarem e desenvolverem as habilidades envolvidas nesse tipo de atividade, ao longo da escolaridade.

4 - ATIVIDADES

4.1 - Atividade disparadora – antes de ler o livro

A partir do título da história que os alunos leem na capa do livro a professora pede que imaginem *aonde* vai a menina da história, *como*, *com quem* e *por quê*. As ideias das crianças podem ser anotadas em um cartaz com colunas ou em cartões soltos, com cores diferentes – cada uma para um aspecto (*aonde*, *como*, *com quem* e *por quê*) -, para poderem ser aproveitadas, depois, em novas histórias da menina a serem inventadas.

4.2 - Atividade de desenvolvimento – durante, para explorar a obra, intercalando com suas leituras

A professora, então, realiza a leitura da história, em partes, procurando, a cada uma, explorar os sentidos e a linguagem, bem como a expectativa de continuidade (ver ao lado da indicação de cada parte, as sugestões de questões para explorar as possibilidades de continuação da história):

1ª parte – da pág. 5 ao final do 2º parágrafo da pág. 8 - O que será que o Ferreiro fará?;

2ª parte – da pág. 8 (3º parágrafo) ao 2º parágrafo da pág. 10, até “pica-pau”: “Lá adiante, encontrou um pica-pau”, sem ler a última parte da frase que diz “tirando mel da árvore” - E o Pica-pau, que será que fazia/que fará?;

3ª parte – da pág. 10 (início do 2º parágrafo) ao final do 2º parágrafo da pág. 12 - E para a Vaca, o que acham que a menina dirá? E o que ela fará/pedirá à menina?;

4ª parte – da pág. 12 (3º parágrafo) ao final do 3º parágrafo da pág. 14 - Por que acham que a Galinha estava triste? E o que ela fará/pedirá à menina?;

5ª parte – da pág. 14 (4º parágrafo) ao final do 5º parágrafo da pág. 16 - E o Escrivão, o que fazia de estranho? O que acham que a menina perguntará a ele? E o que ele fará?;

6ª parte – da pág. 16 (6º parágrafo) ao final do 3º parágrafo da pág. 18 - O que acham que o Escrivão fará depois de saber que a menina não tem casa, nem família?;

7ª parte – da pág. 18 (4º parágrafo) até o final.

Convidar as crianças a dizerem todas juntas as falas da menina que se repetem, quando aparecem, agregando os novos elementos a cada etapa da história:

Fala da menina, estranhando a ação de cada novo personagem:	Fala da menina ao perder para o personagem que ajuda o objeto que ela trazia (a qual aparece com uma cor diferente):
	<i>“Ferreiro, me dá meu cajuzinho. Cajuzinho que eu custei taaanto apanhar...”</i>
<i>“- Pica-pau da minha terra tira mel com o bico?”</i>	<i>“Pica-pau, me dá minha machadinha. Machadinha que o Ferreiro me deu. Ferreiro comeu meu cajuzinho. Cajuzinho que eu custei taaanto apanhar...”</i>
<i>“- Gente, vaca da minha terra come lama?”</i>	<i>“Vaca, me dá meu mel. Mel que o Pica-pau me deu. Pica-pau quebrou minha machadinha. Machadinha que o Ferreiro me deu. Ferreiro comeu meu cajuzinho. Cajuzinho que eu custei taaanto apanhar...”</i>

<p><i>"- Gente, galinha da minha terra bebe lágrima?"</i></p>	<p><i>"Galinha, me dá meu leite. Leite que a Vaca me deu. Vaca comeu meu mel. Mel que o Pica-pau me deu. Pica-pau quebrou minha machadinha. Machadinha que o Ferreiro me deu. Ferreiro comeu meu cajuzinho. Cajuzinho que eu custei taaanto apanhar..."</i></p>
<p><i>"- Gente, escrivão da minha terra escreve com o dedo?"</i></p>	<p><i>"Escrivão, me dá minha pena. Pena que a Galinha me deu. Galinha bebeu meu leite. Leite que a Vaca me deu. Vaca comeu meu mel. Mel que o Pica-pau me deu. Pica-pau quebrou minha machadinha. Machadinha que o Ferreiro me deu. Ferreiro comeu meu cajuzinho. Cajuzinho que eu custei taaanto apanhar..."</i></p>

Observar e explorar as frases que estão em negrito no começo de cada nova caminhada da menina com expressões que também se repetem, além de nos remeterem à história do Chapeuzinho Vermelho, tão conhecida dos alunos:

- "E lá se foi a menina estrada afora com o cajuzinho na mão". (Pág. 8)
- "E mais uma vez a menina caminhou para longe, pela estrada afora. Agora com a machadinha na mão". (Pág. 10)
- "A menina andando, pássaros voando. A menina cantando, sombras balançando, balançando..." (Pág. 12)
- "E mais uma vez a menina seguiu para longe muito longe". (Pág. 13)
- "E mais uma vez tudo de novo. A menina seguiu estrada afora para longe muito longe. Desta feita, com uma bela pena na mão". (Pág. 15)

Da mesma forma, sugerimos destacar as respostas da menina quando o personagem encontrado lhe pede o objeto que ela traz e ela repete expressões como "Só um pouquinho" e "Emprestar eu empresto, mas só um pouquinho".

Em seguida, promove-se uma conversa, a partir de perguntas da professora, que podem ser:

- Por que acham que a menina caminhava tanto?
- Que características podemos atribuir a essa menina? Como ela era? Como se relacionava com os demais?
- Como a menina reagia aos pedidos que lhe eram feitos? E quando perdia o que tinha, como ela se sentia? E o que fazia? (Observar com os alunos o que se repete e o que muda nessas cenas.)
- O que acham do final da história? Como o classificariam (triste, alegre, engraçado, feliz, surpreendente, trágico, enigmático etc.)?
- Que outro(s) título(s) essa história poderia ter? Justificar.

Deve-se propor também aos alunos um olhar atento às ilustrações de Guto Lins, observando a técnica digital utilizada, os elementos e cores, os fundos e contrastes. O ilustrador utiliza a linguagem do vídeo-game na ilustração, fazendo com que a menina passe de "fase" depois de cada encontro com um novo personagem. Ao final, ela encontra o seu "grande prêmio" (uma família!).

É interessante conversar com as crianças que a autora teve a intenção de resgatar de sua família uma história antiga que ouvia quando pequena, ao mesmo tempo em que o ilustrador deu um toque de modernidade, usando a linguagem digital com o viés do game, como se fosse um contraponto, do contemporâneo com o antigo (ou o atemporal = folclórico).

Se houver possibilidade de uso de computadores pelos alunos e a parceria de algum monitor ou professor da área de informática, propor que alunos façam em duplas ou trios uma animação digital para representar toda a caminhada da menina. Cada dupla pode fazer uma das “fases” e depois reúnem num vídeo só.

Como tarefa para casa, dividir o texto em partes (Anexo) e distribuí-las entre os alunos para memorizarem e ensaiarem a história para que seja contada aos colegas, sem ler, da forma como preferirem fazê-lo. Dividir o número de trechos pelo número de alunos. Como são somente sete trechos, mais de um aluno ficará com a mesma parte a ser contada. Sugere-se, então, que façam a hora da contação por alguns dias para que não fique cansativo ter que repetir a história no mesmo dia, de modo que todos possam se apresentar. Os alunos devem se preocupar em variar modos e recursos para contar (principalmente os últimos). Ao final, a turma terá elementos para conversar sobre as diferentes técnicas usadas nas apresentações e sobre o que pode ser mais ou menos interessante para utilizar na atividade de contação.

Em um dado momento, os alunos podem ser convocados a realizarem produções textuais para serem trabalhadas mais detidamente, com revisões, ilustração e depois reunidas e organizadas em forma de encadernado para oferecer à biblioteca da escola ou para circular entre as casas dos alunos. Duas sugestões para as produções:

- Que outro personagem se poderia agregar à história e como seria o seu encontro? (Podem utilizar a mesma estrutura e repetições da história ou imaginar um encontro diferente, que rompa com o que aconteceu nos demais.)
- Que outros finais poderiam pensar para essa história?

Algumas questões relacionadas à linguagem utilizada pela autora também podem ser exploradas, tais como:

- Diferentes expressões que servem como conectivos de ligação: “E não é que...?”, “Vai que, neste exato momento,...”, “Até que...”, “Mas, por fim,...”, “E, mais uma vez,...”, “Como de costume...”, “E aquela mesma velha história aconteceu...”, “Daí...”, “No entanto...”, “E mais uma vez tudo de novo...”, “E de repente...”, “Por fim...”, “Enquanto...”, “Assim...”;
- Fala do narrador com o leitor: “E o que aconteceu? Adivinha. Isso mesmo! A vaca...”, “Pode acreditar em mim, também fui convidado. Eu vinha trazendo um docinho pra você...”;
- Palavras inventadas: “floridocomprido”, “Vezenquando”;

4.3 - Atividade de fechamento – depois da leitura

Pode-se organizar um “Festival de Contação de Histórias da Turma” com os diferentes recursos que cada grupo organizou para sua contação. Ou, ainda, um Festival de Contação na série, no turno ou envolvendo a escola toda, em que cada aluno ou grupo de alunos prepara uma história diferente (trabalhadas antes na escola em algum outro projeto, lidas na biblioteca ou em casa, dentre suas preferidas etc.) e alguém se encarrega das inscrições para garantir que não haja repetição da mesma história.

É muito importante que a professora organize espaços de ensaio dessas contações em sala (além de solicitar como tarefa de casa), para que possa intervir, sugerir e auxiliar os alunos em relação às formas de realizá-las.

O festival pode ser realizado em finais de turno por alguns dias ou durante a Feira do Livro da Escola, ou ainda em um horário especial por alguns dias na biblioteca da escola.